

*Marxismo e filosofia da linguagem*, lançado agora no Brasil pela primeira vez em tradução direta do russo, é uma das obras fundamentais da linguística moderna. Redigido no âmbito do Círculo de Bakhtin por Valentin N. Volóchinov (1895-1936), foi por vezes atribuído ao próprio Bakhtin. Nele Volóchinov analisa as principais tendências dos estudos da linguagem no século XIX e início do XX, como as escolas de Humboldt e Saussure, e a partir delas propõe um método sociológico no qual os gêneros do cotidiano ocupam lugar de destaque.

A presente tradução, fruto de extensa pesquisa, toma por base as duas primeiras edições da obra (1929 e 1930), e vem acompanhada de um ensaio introdutório assinado por Sheila Grillo, que visa situar o leitor no contexto dos estudos da linguagem à época de sua escrita. Além de um glossário detalhado, foi incluído também o "plano de trabalho" de Volóchinov, de 1927-28, obtido diretamente em seu arquivo pessoal.

# Valentin Volóchinov

(Círculo de Bakhtin)

Marxismo e filosofia da linguagem

Valentin Volóchinov

## Marxismo e filosofia da linguagem

Problemas fundamentais do método sociológico  
na ciência da linguagem

Tradução, notas e glossário  
Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo  
Ensaio introdutório  
Sheila Grillo

editora 34

ISBN 978-85-7326-661-0

9 788573 266610

editora 34

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda., 2017

Tradução @ Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo, 2017

Ensaio introdutório © Sheila Grillo, 2017

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILLEGAL E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

A Editora 34 agradece a Rafael Rocca

pela tradução e revisão dos trechos em alemão.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

*Bracher & Malta Produção Gráfica*

Revisão:

*Cecília Rosas, Danilo Hora, Beatriz de Freitas Moreira*

1ª Edição - 2017

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte

(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Volóchinov, Valentin, 1895-1936

V142m

Marxismo e filosofia da linguagem:

problemas fundamentais do método sociológico

na ciência da linguagem / Valentin Volóchinov;

tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e

Ekaterina Volkova Américo; ensaio introdutório

de Sheila Grillo — São Paulo: Editora 34, 2017

(1ª Edição).

376 p.

ISBN 978-85-7326-661-0

Tradução de: Marksizm i filossófia iaziká: osnovnie problémi sotsiologičeskogo métodosa v nauke o iaziké

1. Lingüística. 2. Circulo de Bakhtin.

3. Filosofia da linguagem. I. Grillo, Sheila.

II. Volkova Américo, Ekaterina. III. Título.

CDD - 410

## Marxismo e filosofia da linguagem

### Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem

Ensaio introdutório, *Sheila Grillo* ..... 7

## MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Introdução ..... 83

### Parte I — A IMPORTÂNCIA DOS PROBLEMAS

#### DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM PARA O MARXISMO

1. A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem ..... 91

2. O problema da relação entre a base e a superestrutura ..... 103

3. A filosofia da linguagem e a psicologia objetiva ..... 115

### Parte II — Os CAMINHOS DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM MARXISTA

1. Duas tendências do pensamento filosófico-lingüístico ..... 143

2. Língua, linguagem e enunciado ..... 173

3. A interação discursiva .....	201
4. Tema e significação na língua .....	227

Parte III — PARA UMA HISTÓRIA DAS FORMAS DO  
ENUNCIADO NAS CONSTRUÇÕES DA LÍNGUA  
(EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO DO MÉTODO  
SOCIOLOGICO AOS PROBLEMAS SINTÁTICOS)

1. A teoria do enunciado e os problemas de sintaxe .....	241
2. Exposição do problema do “discurso alheio” .....	249
3. Discurso indireto, discurso direto e suas modificações .....	263
4. Discurso indireto livre nas línguas francesa, alemã e russa .....	291

Anexo Plano de trabalho de Volóchinov .....	325
--	-----

Glossário,

<i>Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo</i> .....	353
--	-----

<i>Sobre o autor</i> .....	369
<i>Sobre as tradutoras</i> .....	371

*Marxismo e filosofia da linguagem:*  
uma resposta à ciência da linguagem  
do século XIX e início do XX

*Sheila Grillo*<sup>1</sup>

A primeira tradução brasileira do livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (doravante MFL), hoje em sua 13ª edição, foi realizada em 1979 a partir do francês com consultas à tradução americana e ao original russo. Apesar de provavelmente ser a obra mais conhecida e citada do Círculo de Bakhtin entre linguistas brasileiros, ela foi vertida principalmente do francês; esse fato motivou a decisão de traduzir o texto diretamente da primeira edição russa de 1929,<sup>2</sup> com correções e pequenos acréscimos observados na segunda edição de 1930, disponível na internet.<sup>3</sup> Assim como na tradução de *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (Contexto, 2012) e *Ques-*

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer imensamente à FAPESP, pelo financiamento do meu estágio de pesquisa em Moscou para a coleta da bibliografia necessária à redação deste ensaio, e aos estudantes e pesquisadores do Grupo de Pesquisa Diálogo (USP/CNPq) pelas sugestões e críticas, a saber: Ekaterina Vólkova Américo (que também corrigiu as transcrições do russo e revisou os trechos traduzidos de obras russas), Arlete Machado Fernandes Higashi, Flávia Sílvia Machado, Iní Anny Queiroz, Luiz Rosalvo Costa, Maria Glushkova, Michele Pordens Ribeiro, Simone Ribeiro de Ávila Veloso e Urbano Cavalcante da Silva Filho.

<sup>2</sup> V. N. Volóchinov, *Marxizm i filosofíia iaziká: osnovnie problémíi soislogičeskogo métođa v nauke o iaziké*, Leningrado, Priboi, 1929.

<sup>3</sup> Disponível em <<http://creleco.seriot.ch/textes/voloshinov-29/jn-trod.html>>. Acesso em maio-outubro de 2015.

ficção ou importância para o grupo, é determinada inteiramente pela ampliação da base econômica. Em decorrência da ampliação da base, amplia-se significativamente o horizonte da existência acessível, compreensível e essencial para o homem. O criador de gado primitivo não se interessa por quase nada e quase nada o afeta. O homem do fim da época capitalista se interessa por quase tudo, começando pelas regiões da terra mais remotas e terminando pelas estrelas mais distantes. Essa ampliação do horizonte valorativo se realiza de forma dialética. Os novos aspectos da existência que passam a integrar o horizonte de interesses sociais abordados pela palavra e pelo *pathos*<sup>69</sup> humano não esquecem dos elementos da existência integrados anteriormente, mas entram em embate com eles, reavaliando-os, alterando o seu lugar na unidade do horizonte valorativo. Essa formação dialética se reflete na constituição dos sentidos linguísticos. Um sentido novo se revela em um antigo e com a ajuda dele, mas com o objetivo de entrar em oposição a ele e o reconstruir.

Isso resulta em um embate incessante de ênfases em cada elemento semântico da existência. Na composição do sentido não há nada que esteja acima da formação e independente da ampliação dialética do horizonte social. A sociedade em formação amplia a sua percepção da existência em formação. Nesse processo não pode haver nada de absolutamente estável. Por isso, a significação — elemento abstrato e idêntico a si — é absorvida pelo tema e dilacerada por seus conflitos vivos, para depois voltar como uma nova significação com a mesma estabilidade e identidade transitórias.

<sup>69</sup> Palavra grega, muito usada em textos russos para designar ênfase, emoção, paixão. (N. da T.)

### Parte III

Para uma história das formas do enunciado nas construções da língua (experiência de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos)

## A teoria do enunciado e os problemas de sintaxe

*A importância dos problemas sintáticos. As categorias sintáticas e o enunciado como um todo. O problema dos parágrafos. O problema das formas de transmissão do discurso alheio.*

No terreno dos princípios e métodos tradicionais da linguística e principalmente no terreno do objetivismo abstrato, em que esses métodos e princípios encontraram uma expressão mais clara e consequente, não existe uma abordagem produtiva dos problemas de sintaxe. Todas as principais categorias do pensamento linguístico moderno, elaboradas, em sua grande maioria, no terreno da linguística comparativa indo-germânica, estão impregnadas de *fonética* e *morfologia*. Esse pensamento, oriundo da fonética e da morfologia comparativas, é capaz de olhar para todos os outros fenômenos da língua apenas através dos óculos das formas fonéticas e morfológicas. Os problemas de sintaxe também são vistos por ele através desses óculos, resultando em sua morfologização.<sup>1</sup> Por isso, a sintaxe é analisada de modo extremamen-

<sup>1</sup> Essa tendência oculta a morfologizar a forma sintática tem como resultado o fato de que na sintaxe, como em nenhum outro lugar da linguística, predomine o pensamento escolástico.

te inadequado, o que é reconhecido abertamente pela grande maioria dos representantes dos estudos indo-germânicos. Isso é bastante compreensível se lembrarmos das particularidades centrais de percepção de uma língua morta e alheia, percepção esta guiada pelos principais objetivos de decifração dessa língua e de seu ensino aos outros.<sup>2</sup>

Entretanto, para uma compreensão correta da língua e da sua construção, os problemas de sintaxe possuem enorme importância. Pois, de todas as formas da língua, *as sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas do enunciado*, isto é, daquelas dos discursos verbais concretos. Todos os desmembramentos sintáticos do discurso desintegram o corpo vivo do enunciado, e por isso são os que geram mais dificuldade ao serem relacionados ao sistema abstrato da língua. As formas sintáticas são mais concretas do que as morfológicas e as fonéticas, e estão ligadas de modo mais estreito às condições reais da fala. Por isso, na nossa compreensão dos fenômenos vivos da língua, justamente as formas sintáticas devem ter primazia sobre as morfológicas e as fonéticas. No entanto, do que foi dito, também se torna claro que o estudo produtivo das formas sintáticas só é possível no terreno de uma teoria bem elaborada do enunciado. Enquanto o enunciado como um todo permanecer *terra incognita* para o linguista, não se pode falar de uma compreensão real, concreta e não escolástica das formas sintáticas.

<sup>2</sup> A linguística comparativa tem ainda outros objetivos específicos: o estabelecimento do parentesco das línguas, da sua série genética e da protolíngua. Esses objetivos contribuem mais ainda para a primazia da fonética no pensamento linguístico. O problema da linguística comparativa, muito importante para a filosofia da linguagem moderna pelo lugar de destaque que essa linguística ocupa na atualidade, infelizmente não foi abordado nos limites do presente trabalho. Esse é um problema muito complexo e, mesmo para uma análise mais superficial, seria necessário ampliar significativamente este livro.

Já havíamos falado que o enunciado como um todo foi analisado de modo extremamente precário na linguística. É possível dizer diretamente que *o pensamento linguístico perdeu em definitivo a percepção do todo discursivo*. O linguista se sente mais seguro no meio da frase. Na medida em que ele avança na direção dos limites do discurso, rumo ao todo do enunciado, a sua posição torna-se cada vez mais insegura. Ele não tem nenhuma abordagem do todo, pois nenhuma das categorias linguísticas serve para defini-lo.

Como se sabe, todas as categorias linguísticas são aplicáveis apenas no território interior do enunciado. Por exemplo, todas as categorias morfológicas só são importantes dentro do enunciado e se recusam a servir para definir o todo. O mesmo acontece com as categorias sintáticas; por exemplo, a categoria da “frase” se refere à frase apenas dentro do enunciado, como seu elemento, e de modo algum como um todo.

Para certificar-se dessa “elementaridade” fundamental de todas as categorias linguísticas, basta tomar um enunciado acabado (é claro que ele é relativo, pois qualquer enunciado é uma parte do processo discursivo) composto por uma palavra. Ao analisarmos essa palavra em todas as categorias linguísticas, veremos claramente que elas definem a palavra apenas como um elemento possível do discurso e não dão conta do todo do enunciado. Aquele aspecto adicional que transforma essa palavra em um enunciado íntegro permanece fora de absolutamente todas as categorias e definições linguísticas. Ao desenvolver essa palavra em uma frase acabada com todos os seus membros (segundo a lógica do “subentendido”), teremos um período simples, mas de modo algum um enunciado. Seja qual for a categoria linguística que utilizemos para analisar esse período, nunca encontraremos nele justamente aquilo que o transforma em um enunciado íntegro. Desse modo, no âmbito das categorias gramaticais presentes na linguística moderna, o todo discursivo inapreensível nunca será compreendido. As categorias linguísticas nos

arrastam de modo persistente do enunciado e da sua estrutura concreta rumo ao sistema abstrato da língua.

Entretanto, não apenas o enunciado como um todo, mas também todas as partes mais ou menos acabadas do enunciado monológico carecem de definições linguísticas. Isso acontece com os *parágrafos*, que são separados uns dos outros por alíneas. A composição sintática desses parágrafos é extremamente diversificada: eles podem consistir tanto de uma palavra, quanto de uma grande quantidade de períodos compostos. Afirmar que um parágrafo deve conter uma ideia acabada é o mesmo que não dizer absolutamente nada. Uma vez que são necessárias definições do ponto de vista da própria língua, a noção de parágrafo como uma ideia acabada não é, de modo algum, uma definição linguística. Se, como supomos, é inaceitável separar as definições linguísticas das ideológicas, tampouco se devem substituir umas pelas outras.

Se penetrássemos mais profundamente na essência linguística dos parágrafos, nos convenceríamos de que em alguns traços essenciais eles são análogos às réplicas de um diálogo. É como se fosse um *diálogo enfraquecido que passou a integrar um enunciado monológico*. A percepção do ouvinte e do leitor, bem como das suas reações possíveis, fundamenta a divisão do discurso em partes que, na linguagem escrita, são designadas como parágrafos. Na medida em que enfraquece a percepção do ouvinte e a consideração das suas possíveis reações, nossa fala será mais indivisível, no sentido da paragrafação. Os tipos clássicos de parágrafos são: pergunta e resposta com seus complementos (quando a pergunta é feita pelo próprio autor e ele mesmo a responde); a antecipação de possíveis objeções; a revelação no próprio discurso de contradições e absurdos aparentes etc. etc.<sup>3</sup> É muito comum

<sup>3</sup> É claro que aqui apenas apontamos o problema dos parágrafos. As

tomarmos nosso próprio discurso, ou parte dele (por exemplo, o parágrafo anterior), como objeto de discussão. Nesse caso, o falante muda seu foco de atenção do objeto para o discurso (*reflete sobre seu próprio discurso*). Essa mudança na direção da intenção discursiva é condicionada pelo interesse do ouvinte. Se a fala ignorasse por completo o ouvinte (o que obviamente é impossível), a sua divisão orgânica em partes seria reduzida ao mínimo. É claro que aqui abstrairmos as divisões específicas condicionadas pelas tarefas e objetivos característicos de certos campos ideológicos, como por exemplo a divisão da poesia em estrofes ou as divisões puramente lógicas do tipo: premissas — conclusão; tese — antítese, e assim por diante.

Apenas o estudo das formas da comunicação discursiva e das formas correspondentes dos enunciados integrais pode elucidar o sistema de parágrafos e todos os problemas análogos. Enquanto a linguística for orientada para um enunciado monológico isolado, ela não terá uma abordagem natural de todas essas questões. Até os problemas mais elementares da sintaxe apenas podem ser analisados no terreno da comunicação discursiva. Nesse sentido, é preciso realizar uma reavaliação minuciosa de todas as principais categorias linguísticas. Parecem-nos pouco produtivos o interesse recente pelas entonações surgido na sintaxe, bem como as tentativas, resultantes dele, de renovar as definições das totalidades sintáticas por meio de uma análise mais detalhada e diferenciada das entonações. Elas podem se tornar produtivas apenas

nossas afirmações soam dogmáticas, pois não as comprovamos nem as sustentamos com a análise de exemplos concretos. Além disso, simplificamos o problema. Na linguagem escrita, as alíneas (os parágrafos) transmitem tipos bastante variados de fragmentação do discurso monológico. Abordamos aqui apenas um dos tipos importantes dessa fragmentação, que é condicionada pela consideração do ouvinte e da sua compreensão ativa.

quando combinadas com uma compreensão correta dos fundamentos da comunicação discursiva.

Os capítulos seguintes do nosso trabalho são dedicados justamente a um dos problemas específicos da sintaxe.

As vezes é de extrema importância lançar uma nova luz sobre um fenômeno já conhecido e, aparentemente, bem estudado, por meio da sua *problematização renovada*, elucidando nele novos aspectos com a ajuda de perguntas orientadas para uma direção específica. Isso é principalmente importante nos campos em que a pesquisa é sobrecarregada por descrições e classificações pedantes e detalhadas, porém privadas de um direcionamento. Uma problematização renovada pode fazer com que um fenômeno antes considerado particular e secundário ganhe uma importância capital para a ciência. Um problema bem colocado é capaz de revelar as possibilidades metodológicas contidas nesse fenômeno.

Um desses fenômenos “chave” extremamente produtivos é o assim chamado *discurso alheio*, isto é, os modelos sintáticos (“discurso direto”, “discurso indireto”, “discurso indireto livre”);<sup>4</sup> a modificação desses modelos e as variações dessas modificações que encontramos na língua para a transmissão de enunciados alheios e para a inserção desses enunciados, justamente como alheios, num contexto monológico coerente. A excepcional importância metodológica desses fenômenos até hoje foi pouco apreciada. Nessa questão sintática, que à primeira vista parece secundária, não sabemos ver problemas de uma enorme importância linguística

<sup>4</sup> A tradução literal de *nessobstrennia priamnia rietch* é “discurso não propriamente direto”. É um termo que ocorre em gramáticas russas para designar enunciados em que as palavras, o estilo e as entonações de um personagem inserem-se na narrativa do autor sem uma delimitação sintática. (N. da T.)

geral.<sup>5</sup> Justamente quando há uma orientação sociológica do interesse científico pela língua, revela-se toda a importância metodológica e toda a exemplaridade desse fenômeno.

*Problematizar o fenômeno de transmissão do discurso alheio em uma perspectiva sociológica* — essa é a tarefa do nosso trabalho a seguir. No material desse problema tentaremos traçar os caminhos do método sociológico na linguística. Não pretendemos tirar grandes conclusões positivas de cunho especificamente histórico, pois o material utilizado por nós é suficiente para fornecer um panorama do problema e mostrar a necessidade da sua orientação sociológica, porém está longe de ser suficiente para amplas generalizações históricas. Essas últimas estão presentes apenas de modo provisório e hipotético.

<sup>5</sup> Por exemplo, a sintaxe de Pechkóvski dedica a esse fenômeno apenas quatro páginas. Cf. A. M. Pechkóvski, *Rússki sintaksis v náichrom osveschiéni* [A sintaxe russa à luz científica], 2ª ed., Moscou, 1920, pp. 465-8.



## Exposição do problema do “discurso alheio”

*A definição de “discurso alheio”. O problema da percepção ativa do discurso alheio em relação ao problema do diálogo. A dinâmica da inter-relação do contexto autoral com o discurso alheio. O “estilo linear” de transmissão do discurso alheio. O “estilo pictórico” de transmissão do discurso alheio.*

O “discurso alheio” é o *discurso dentro do discurso*, o *enunciado dentro do enunciado*, mas ao mesmo tempo é também o *discurso sobre o discurso*, o *enunciado sobre o enunciado*.

Tudo aquilo sobre o que falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. Esse tema — e apenas o tema — pode ser, por exemplo, a “natureza”, o “homem”, a “oração subordinada” (um dos temas da sintaxe); porém o enunciado alheio não é apenas o tema do discurso: ele pode, por assim dizer, entrar em pessoa no discurso e na construção sintática como seu elemento construtivo específico. Nesse caso, o discurso alheio mantém a sua independência construtiva e semântica, sem destruir o tecido discursivo do contexto que o assimilou.

Mais do que isso, o enunciado alheio, ao permanecer apenas o tema do discurso, pode ser caracterizado apenas superficialmente. Para penetrar na plenitude do seu conteúdo é necessário introduzi-lo na construção do discurso. Se perma-

necermos nos limites da apresentação temática do discurso alheio, poderemos responder somente a perguntas “como” e “sobre o que” falou NN, mas apenas poderemos descobrir “o que” ele falou ao transmitir suas palavras, mesmo que isso seja feito na forma do discurso indireto.

Entretanto, por ser um elemento construtivo do discurso autorral e integrá-lo em pessoa, o enunciado alheio é ao mesmo tempo o seu tema. Ele entra na unidade temática do discurso do autor justamente como um enunciado alheio, cujo tema entra como o *tema do discurso alheio*.

O discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de *outro* sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão. É justamente dessa existência independente que o discurso alheio é transferido para o contexto autorral, mantendo ao mesmo tempo o seu conteúdo objetivo e ao menos rudimentos da sua integridade linguística e da independência construtiva inicial. O enunciado autorral que incorporou outro enunciado em sua composição elabora as normas sintáticas, estilísticas e composicionais para a sua assimilação parcial, para sua inclusão na unidade sintática, composicional e estilística do enunciado autorral, mantendo ao mesmo tempo, nem que seja de um modo rudimentar, a independência inicial (sintática, composicional e estilística) do enunciado alheio, sem a qual a sua integralidade seria imperceptível.

Nas línguas novas, algumas modificações do discurso indireto e, principalmente, do discurso indireto livre tendem a transferir o enunciado alheio da esfera da construção discursiva para o plano temático, do conteúdo. Entretanto, mesmo nesse caso essa dissolução da palavra alheia no contexto autorral não se realiza nem pode ser realizada até o fim, pois, além dos indicadores semânticos, é mantida a firmeza construtiva do enunciado alheio, cujo corpo pode ser apalpado como um todo autônomo.

Desse modo, as formas de transmissão do discurso alheio expressam *a relação ativa* de um enunciado com outro, não no plano temático, mas nas formas construtivas estáveis da própria língua.

Estamos diante do fenômeno da *reação da palavra à palavra*, que, no entanto, difere clara e essencialmente do diálogo. No diálogo, as réplicas são separadas gramaticalmente e não são incorporadas em um único contexto. Pois *não há formas sintáticas que construam a unidade do diálogo*. Já se o diálogo estiver incluído no contexto autorral, temos diante de nós um caso de discurso direto, isto é, de uma das formas do fenômeno em questão.

O problema do diálogo passa a atrair cada vez mais a atenção dos linguistas, tornando-se às vezes o foco central de seus interesses.<sup>6</sup> Isso pode ser explicado pelo fato de que a unidade real da linguagem (*Sprache als Rede*), como já sabemos, não é o enunciado isolado monológico, mas a interação, pelo menos, dois enunciados, isto é, o diálogo. No entanto, o estudo produtivo do diálogo pressupõe uma análise mais profunda das formas de transmissão do discurso alheio, pois elas refletem as tendências principais e constantes da *per-*

<sup>6</sup> Na bibliografia russa, o problema do diálogo foi abordado do ponto de vista linguístico em apenas um trabalho: L. P. Jakubinski, “O diálogo *guitcheskoi rietchi*” [“Sobre o discurso dialógico”], coletânea *Russkaia Rietch* [Linguagem russa], Petrogrado, 1923. Há observações interessantes de caráter semi-linguístico sobre o diálogo no livro de Viktor Vinogradov *Poézia Anni Akhmatovoi* [A poesia de Anna Akhmatova], Leningrado, 1925 (no capítulo “Grimassi dialoga” [“As caretas do diálogo”]). Na bibliografia alemã contemporânea, os problemas do diálogo são estudados ativamente pela escola de Vossler. Conferir em especial o já citado “Die ungenüthliche direkte Rede” [“O discurso indireto livre”] em *Festschrift für Karl Vossler* [Escritos em homenagem a Karl Vossler] (1922).

*cepção ativa do discurso alheio*; tal percepção também é fundamental para o diálogo.

De fato, como é percebido o discurso alheio? Como vive o enunciado alheio na consciência concreta intradiscur-siva daquele que percebe? Como o enunciado alheio é trans-formado ativamente na consciência do ouvinte? E como o discurso posterior do próprio ouvinte é orientado em relação ao discurso alheio?

— Podemos encontrar um documento objetivo dessa percepção nas formas de transmissão do discurso alheio. Esse documento, se soubermos lê-lo, nos fala não sobre o caráter ocasional e instável dos processos subjetivo-psicológicos que ocorrem na “alma” daquele que percebe, mas sobre as tendências sociais estáveis da percepção ativa do discurso alheio que se estratificam nas formas da língua. O mecanismo desse processo não está na alma individual, mas na sociedade que seleciona e gramaticaliza (ou seja, insere na estrutura gramatical da língua) apenas os aspectos da percepção ativa e avaliativa do enunciado alheio que são socialmente pertinentes e constantes e, por conseguinte, baseiam-se na própria existência econômica de uma coletividade falante.

Evidentemente, entre a percepção ativa do discurso alheio e a sua transmissão num contexto coerente existem diferenças essenciais, que não podem ser ignoradas. Qualquer transmissão, principalmente se for fixa, possui objetivos específicos: um relato, um registro de uma sessão de júri, uma polémica científica e assim por diante. Além disso, a transmissão é voltada para um terceiro, isto é, àquele a quem são transmitidas as palavras alheias. Essa orientação para um terceiro é especialmente importante, pois ela acentua a influência das forças sociais organizadas sobre a percepção do discurso. Na comunicação dialógica viva, não costumamos citar as palavras do interlocutor às quais estamos respondendo. A nossa resposta repete as palavras do interlocutor apenas em casos específicos e excepcionais: para confirmar nos-

sa compreensão correta, para chamar a atenção de nosso interlocutor sobre suas afirmações etc. Todos esses aspectos específicos da transmissão devem ser considerados, porém isso não muda a essência da questão. As condições de transmissão e seus objetivos apenas contribuem para atualizar aquilo que já se encontrava nas tendências da percepção ativa intradiscur-siva, sendo que essas últimas, por sua vez, podem desenvolver-se apenas nos limites das formas de transmissão do discurso presentes na língua.

É claro que estamos longe de afirmar que as formas sintáticas, por exemplo, do discurso indireto ou do discurso direto, expressam de modo imediato as tendências e as formas da percepção avaliativa ativa do enunciado alheio. A percepção, por certo, não ocorre diretamente nas formas do discurso direto ou indireto. Elas são apenas padrões de transmissão. Por um lado, esses padrões e as suas modificações só puderam surgir e se formar em relação às tendências predominantes de percepção do discurso alheio, mas, por outro, por terem se formado e estarem presentes na língua, essas formas exercem uma influência reguladora, estimuladora ou inibidora sobre o desenvolvimento das tendências de percepção avaliativa, determinando sua direção.

A língua não reflete oscilações subjetivo-psicológicas, mas inter-relações sociais estáveis dos falantes. Em diferentes línguas, em diferentes épocas, em diferentes grupos sociais, em contextos que variam conforme os objetivos, predomina ora uma, ora outra forma, umas ou outras modificações dessas formas. Tudo isso revela a fraqueza ou a força das tendências sociais da mútua orientação social dos falantes, das quais as formas são estratificações estáveis e seculares. Se em determinadas condições uma forma é pouco apreciada (por exemplo, algumas modificações, mais precisamente as “racionais e dogmáticas”, do discurso indireto no romance russo moderno), isso indica que as tendências predominantes de compreensão e avaliação do enunciado alheio